

RC
MNCT
92
FER

BARAHONA FERNANDES

Júlio de Matos — alienista filósofo



BIBLIOTECA
MUSEU DE CARVALHO

RC

MNCT

92

FER

SEPARATA DE «O MÉDICO»

N.º 331

A Mestre Henrique de
Vilhena

Com. represent
de atividades de

W. Band →

Júlio de Matos — alienista filósofo



INSTITUTO DE PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Júlio de Matos — alienista filósofo ⁽¹⁾

Depois da bela lição histórica do Professor Luís de Pina, do Porto, e do erudito discurso do Professor Correia de Oliveira, de Coimbra — aos quais rendemos as nossas homenagens — cabe ao sucessor de Júlio de Matos na Cátedra de Psiquiatria em Lisboa evocar, mais uma vez, o patrono do maior Hospital de doenças mentais do País e uma das maiores cerebrações da Medicina mental de língua portuguesa.

Por estes dois gloriosos títulos, foi já Júlio de Matos solenemente celebrado em Lisboa, no Estabelecimento hospitalar que ele chamou «Novo Manicómio», ao Campo Grande, pelo Dr. Melo e Castro, então Sub-Secretário da Assistência Social ⁽²⁾ e por nós próprios, como Director da Casa ⁽³⁾ e, posteriormente pelos Drs. Navarro Soeiro ⁽⁴⁾ e Seabra Diniz ⁽⁵⁾, numa sessão especial da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria.

(1) Discurso dito na Sessão comemorativa do Centenário de Júlio de Matos, realizada em 26-XI-1957 na Aula Máxima da Faculdade de Medicina, Lisboa.

(2) J. G. Melo e Castro — No centenário de Júlio de Matos.

(3) Barahona Fernandes — O Professor Júlio de Matos e a Psiquiatria portuguesa.

(4) Navarro Soeiro — Júlio de Matos — sua personalidade e alguns aspectos da sua obra.

(5) Seabra Diniz — O positivismo na vida e na obra de Júlio de Matos. Todos estes artigos foram publicados no volume especial da revista Anais Portugueses de Psiquiatria, Vol. VIII, n.º 8, 1956, dedicado a Júlio de Matos.

Porventura em virtude do seu próprio atrazo e consequente campo aberto aos pioneiros e inovadores — logrou a Psiquiatria nacional, no curto prazo de 1945 a 1956, festejar cinco centenários de personalidades tão



DR. JÚLIO DE MATOS

assinaladas, como António Maria de Sena, Miguel Bombarda, Bettencourt Rodrigues, Magalhães Lemos e por último, Júlio de Matos.

Qual o sentido destes actos comemorativos?

No discurso pronunciado no Teatro de S. João, na

abertura da sessão solene dos Académicos do Porto ⁽¹⁾ por ocasião do tricentenário de Camões, evocava Júlio de Matos a frase de Pascal de que «toda a sucessão de homens durante a longa série de séculos deve ser considerada como um só homem que subsiste sempre e aprende continuamente».

Não podia, porém, um tão convicto «discípulo da filosofia positivista» ter interpretado tal asserção à maneira do século XVII; comentando-a, dizia Júlio de Matos: «os turbilhões na física cartesiana, o optimismo na filosofia de Leibnitz, os archéus na medicina de van Helmont maculavam tristemente a larga positividade que irrompia de todos os lados como uma aurora de novos dias científicos».

Preso à nova ciência da sociologia à qual «a moral devia estar submetida como a Higiene a fisiologia», Júlio de Matos, como os outros positivistas portugueses — venerando muito embora os grandes homens — não se deixou empolgar pela «religião da Humanidade» ⁽²⁾. A sua equilibrada crítica levava-o a não aceitar essa e outras formas de «culto externo», tal era seguido pelos sequazes de Lafite e outros discípulos fidelíssimos de Augusto Comte ⁽³⁾, bem expresso neste ano de 1957, nas celebrações do centenário da morte do «pontífice do positivismo» — em França e noutros países, como o Brasil, onde ainda existe o templo comteano da Humanidade ⁽⁴⁾.

Situada esta posição, por um século de crítica, na sua vera perspectiva histórica, continuam, no entanto todos os amantes da cultura humana a render culto «aos grandes

⁽¹⁾ Júlio de Matos — Significação filosófica e social da festa do Tricentenário de Camões — O Positivismo — 2.º Vol., 1880.

⁽²⁾ Júlio de Matos — A religião do futuro, pág. 61 — O Positivismo, 1.º Vol., 1878.

⁽³⁾ Veja-se um exemplo: Auguste Comte — por Joaquim Silveira Santos — (Membro da Delegação Executiva da Igreja Positivista do Brasil) — S. Paulo, 14 de Julho de 1928 e Ano CLX da Revolução Francesa e LXXIV da Era Normal.

⁽⁴⁾ Segundo o Boletim Informativo do Clube Positivista do Rio de Janeiro, n.º 113 — 1.º de Frederico de 169 — 5 de Novembro de 1957 — foi o Centenário de Auguste Comte celebrado naquela cidade por numerosas comemorações: conferências no Templo da Humanidade, na Academia de Letras do Brasil, editou-se um selo comemorativo de A. Comte; o ilustre psiquiatra Dr. Aníbal da Silveira, fez uma conferência sobre a «unidade na obra de Auguste

benfeitores da humanidade, os agentes da evolução mental da nossa espécie» como escrevia Júlio de Matos, os quais «para além das preocupações egoistas da salvação individual... farão aparecer no espírito uma soma indefinida de altruísmo e, consequência inevitável, de moralidade».

Neste reconhecimento dos *valores humanos* — do *talento* e da *ética* — está pois, em nosso entender, o sentido destas homenagens. Os grandes homens desaparecem. Compreendamos o *espírito objectivado* que remanesce nas suas obras, na sua acção social, e nos ecos humanos do seu viver pessoal — fonte de novos estímulos para os seus discípulos e continuadores que saibam compreender o sentido das suas existências.

*

Júlio de Matos foi uma singular personalidade da sua época.

Contemporâneo e sucessor de Bombarda, em Rilhafoles — irmanando com ele nas suas convicções anti-teológicas e anti-metafísicas e na crença na ciência como mediadora do progresso — assinalou-se Júlio de Matos pela sua prudência e equilíbrio.

Nada dos ímpetos polémicos e sensacionais de Bombarda. Tribuno — nem nas aulas, que, apesar da eloquência, eram sóbrias e objectivas. Político — só nas convicções e na crítica social — em ferroadas candentes, nos seus escritos. Demolidor só no pensamento teórico — contra aquilo que cria falso e pernicioso. Crítico sempre — e muito severamente — em todos os seus actos.

Comte» e um Curso sob «Teoria da personalidade segundo os ensinamentos de Auguste Comte». Numerosas outras comemorações se realizaram em outros países em especial em França — além de comemorações científicas e filosóficas, numerosos actos de culto a Comte e a Clotilde de Vaux «mãe espiritual da Igreja positivista». Em Portugal não houve jamais — do nosso conhecimento — qualquer eco destas manifestações exteriores.

O Comité Internacional do Centenário de A. Comte publicou em «edição oficial do centenário» a «A General View of Positivism by Auguste Comte» — R. Speller & Sons — New York, 1957. (Tradução em inglês de Bridges). A obra corresponde à última fase do Positivismo, não só como filosofia mas também como «polity». Abre com o mote: We tire of thinking and even of acting; we never tire of loving.

Se a morte de Bombarda e a sua posição política o popularizaram em todo o País, o nome de Júlio de Matos só veio a vulgarizar-se pela repetição do título do seu Hospital como ápole de loucura.

De pequena estatura, extremamente correcto, impunha-se logo como um carácter inteiro e firme.

A aparente leptomorfia corpórea, na meia idade, tinha certos traços estênicos, acentuados pela atitude de uma frieza disciplinada, vencendo a natural timidez, e pela sua voz, segura, precisa e muito grave.

Um certo dandismo no trajar — de intelectual e artista da geração portuense da época em torno dos novecentos — no final da vida, de capa à esanhola e chapéu largueiro, o expressivo monóculo, superando uma teimosa doença da vista, ⁽¹⁾ assinalava-se Júlio de Matos pelo seu preclaro saber e expressão verbal segura e cristalina — essencialmente realista e crítico.

É difícil e aleatória a caracterologia que apenas se nos revela na expressão dos quadros e fotografias, nas recordações dos contemporâneos e na significação da vida e obra pessoal.

Ouvimos já hoje e estão publicados muitos dados sobre a Pessoa do nosso homenageado, os seus escritos e a sua época.

Não queríamos repetir a nossa contribuição já publicada. Tão somente focar — de forma sintética — os seguintes tópicos primaciais:

O renovador da legislação e da organização da assistência psiquiátrica.

— O clínico penetrante e compreensivo, como alienista de primeira plana.

— O perito forense, sábio e equilibrado.

— O cultor da positividade científica, na doutrinação filosófica.

— O didacta — o homem inteiro que foi uma figura exemplar de disciplina mental.



Pouco diremos hoje da sua maior obra material — a construção do actual *Hospital de Júlio de Matos*, planeada

(1) Ao que ouvimos a um oftalmologista — uma afecção bacilosa ocular. Júlio de Matos faleceu de tuberculose pulmonar crónica.

desde 1912 e inaugurada em 1942, dezanove anos após a sua morte.

Esta grande realização teve a sua origem no decreto de 11 de Maio de 1911, promulgado pelo Governo da jovem República, a que pertencia Teófilo Braga, o seu grande e decisivo mentor espiritual ⁽¹⁾.

Júlio de Matos foi o grande incitador dessa reforma, o próprio autor do projecto.

Criar novos organismos da assistência psiquiátrica — tal a proposta veemente de Júlio de Matos no prólogo do citado decreto.

Tal o nosso apelo de hoje — apesar dos progressos havidos há quinze anos a esta parte. Sempre o mesmo apelo — o eco das reiteradas petições dos psiquiatras portugueses, desde há um século, desde Bernardino António Gomes, Caetano Beirão, Bizarro, Martins Pulido — o primeiro director do Hospital de Rilhafoles, fundado em 1848.

Cada dia adquire o problema da *Higiene Mental* maior agudeza. Os inegáveis progressos alcançados limitam-se apenas a uma parte dos doentes necessitados. Os clamores dos alienistas nacionais esperam ainda o efectivo «Plano de fomento da assistência psiquiátrica» que possa trazer suficiente amparo e tratamento a *todos* os enfermos da mente.

O Hospital fundado por Júlio de Matos, encontrou em António Flores e Almeida Dias ⁽²⁾ a avisada conclusão das suas obras. Nas novas gerações de psiquiatras que tenho a honra de dirigir, o mais entusiástico fervor de progresso — na *assistência*, no *ensino*, na *investigação científica*, na melhor integração dos órgãos administrativos e clínicos. Realizou-se nele o milagre da fusão, numa unidade clínica, de um serviço da Faculdade e da Assistência. Em relação a um milhar, dos muitos milhares de doentes existentes, ensaiaram-se *novas técnicas médicas e psicológicas*, desde a terapêutica ocupacional e a psicone-

⁽¹⁾ António Ferrão — Teófilo Braga e o positivismo em Portugal — Separata do Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências, Vol. XIX, 1885 — interessantíssimas cartas de Júlio de Matos, longamente citadas nos trabalhos atrás citados sobre a sua obra).

⁽²⁾ António Flores — O Hospital Júlio de Matos — plano primitivo e estado actual — Anais Portugueses de Psiquiatria, n.º 1, Vol. VIII, 1956.

rapia de grupo até à leucotomia e aos recentes fármacos neurolépticos, desde o Hospital de Dia à Assistência e reabilitação social (1).

Assim se processa o dever da assistência no sentido social e se caminha na senda do progresso das ciências médicas.

Evolução e progresso — ideias tão caras a Júlio de Matos!



Uma tão larga visão dos problemas da assistência, como Júlio de Matos ganhou do seu Mestre António Maria de Sena, exercitou no seu labor e na Direcção do Hospital do Conde de Ferreira, e se exprimiu na concepção do Hospital que o tem como patrono — uma tal compreensão das necessidades dos doentes do espírito — só poderia provir de um clínico com largos conhecimentos e experiência da patologia mental.

Júlio de Matos merece, na verdade, pertencer à notável galeria dos «alienistas» do século XIX, da extirpe de Kraft-Ebing, Schüle, Weigandt, Regis, Ballet, Sèglas e Magnan, Morselli, Agostini e Tanzi — para citar apenas os seus autores preferidos.

A autobiografia que exaramos nos Anais Portugueses de Psiquiatria (2) menciona a publicação de oito volumes e três artigos sobre a especialidade, além de três traduções das obras de Garofalo e Spencer, com prefácios da sua autoria, mais vinte trabalhos médicos, dispersos em revistas da época (3), e os seis grandes volumes ilustrados da *História Natural*, além de 12 artigos originais sobre temas filosóficos e vinte e duas longas críticas a livros filosóficos e de cultura geral, publicados, só de 1878 a 1881, na revista *O Positivismo*, que fundou e editou com Teófilo Braga.

Os seus Elementos de Psychiatria (1911) são uma obra

(1) Anais Port. Psiq. N.º 1 — 1949.

(2) Loc. cit. — Anais Portugueses de Psiquiatria, Vol. VIII, n.º 8, 1956, pág. 11.

(3) Enumerados p. 5 Loc. cit. — Além dessas vimos referências em artigos sobre a última reforma da instrução pública (Ref. na crítica de Júlio de Matos à obra de Amaral Cirne Júnior «Resumo da História da Pedagogia» — *O Positivismo*, 3.º Vol., 1880.

básica — ainda sem par entre nós — qual durante mais de vinte anos divulgou a Medicina Mental entre os médicos em Portugal e no Brasil e, ainda hoje, é citada como «auto-ridade» nos Tribunais.

Além do valor intrínseco, como documento da medicina mental da época, é uma obra digna de estudo, como paradigma de concisão, elegância e propriedade de linguagem.

Leia-se o capítulo — *A Paranoia* — actualização da monografia publicada em 1898, sobre o mesmo tema — um dos melhor conhecidos e profundos pelo nosso alienista.

A sua sólida formação humanista e preclaro pensar lógico, bem como a sua preparação filosófica e intuição para a compreensão psicológica permitiam-lhe mover-se com extraordinária segurança e lucidez no emaranhado da história dos delírios sistematizados, desde a fase inicial de Areteu e Esquirol, até às fases, que chama analítica e sintética, dos autores franceses, alemães e italianos (Lassègue, Falret e Cramer; Buccola, Tanzi e Riva).

O psicopatologista não quer enfastiar-vos agora com as belezas que encontraria em tal exérese. Ficará para outro lugar.

Realemos apenas — como marca da personalidade de Júlio de Matos e da sua preparação logística formal — a insistência no «método a seguir» com que abre a segunda parte, sobre o «exame crítico do conceito de paranoia».

«Análise, síntese e interpretação patogénica» — tal a «marcha histórica do assunto» correlativa aos passos da sua penetração científica.

A paranoia — «um conceito que inicialmente sintomático, se tornou patogénico, primitivamente clínico veio a ser antropológico (1), formou, «pela convergência da noção sintomática de delírio e do conceito causal de predisposição, uma só doença de variáveis aspectos clínicos» (2).

Júlio de Matos não se perde na dispersão atomística de entidades clínicas, nem na discussão meramente conceptual dos sintomas psicológicos; procura uma visão global, aceitando «uma doutrina antropológica da paranóia que resume na sua conclusão final — *a paranóia é uma degenerescência*.

Onde está paranoia leia-se hoje esquizofrenia (de forma paranoide) e assistimos ao mesmo trânsito das con-

(1) Elementos de Psychiatria, pág. 539.

(2) A Paranoia, pág. 107.

cepções mecanicistas (da patologia cerebral) para a sua visão antropológica.

Agora é a filosofia existencial que a inspira; na época era a doutrina evolucionista, Júlio de Matos, apesar da sua severidade de tratamento dos «degenerados» — não toma o determinismo como fatalidade» (1) admite a possibilidade da «regeneração». A herança tanto «capitaliza» as «boas como as más tendências» (2). Revelava-se mesmo um um tanto «psico-dinâmico» (no sentido actual) interpretando o «atavismo psicológico» como um «anacronismo» da evolução que «deixa a descoberto» a «primitividade moral e intelectual», (tomada como falta de senso crítico (3) que não se extingue nem desaparece com a evolução e «vive no homem normal, como uma vaga tendência comprimida que só episódicamente, por instantes e sob a influência de poderosas causas exógenas se manifesta».

Chega, assim, a dizer que as ideias delirantes são «ressurreições parciais e mais ou menos extensas de um Eu ancestral». Júlio de Matos não conhecia a obra de Huxtings Jackson e só mais tarde conheceu Freud e estava bem longe de Jung e Szondi. Cria pois mais na herança do que na origem ambiental da doença (o que não teria sido estranho, dada a «sociologia» que professava (4). Acima de tudo — o seu senso clínico revelava-lhe que por

(1) O Positivismo — 1.º Vol. pág. 29 diz: «entre o determinismo que é uma conquista científica e o Fatalismo que é uma ideia metaphisica há uma grande distância: a que vai do subjectivismo às concepções positivas».

(2) «...nas formas degenerativas menos graves a regeneração é ainda possível, mercê de casamentos felizes, pois que a hereditariedade tanto capitaliza as boas como as más tendências». — A Paranoia, pág. 180.

(3) «É pois necessário, para explicar os delírios paranóicos, alguma coisa mais que uma hipertrofia de emoções constitucionais;... e a falta de senso crítico nas relações do Eu com o ambiente — natureza e sociedade. Ora essa falta de senso crítico não é senão uma paragem da evolução psíquica na fase em que se imobilizaram os primitivos e os selvagens; reproduzindo-a hoje o paranóico faz um evidente anacronismo». Elem. Psychiat. pág. 56.

(4) E tinha aventado na sua fase inicial de «discípulo da filosofia positiva», ainda sem experiência clínica, ao escrever «o predomínio considerável das causas morais sobre as causas físicas da loucura» — Estudos de psicologia mórbida — causas sociais da loucura. O Positivismo, 2.º Vol.

trás do «degenerado» — dizemos hoje, o doente — havia manifestações do Homem, e que, por outro lado — no Homem normal se escondia, em luta, a primitividade do «degenerado».



Mais ainda do que na «clínica», foi Júlio de Matos, justamente, célebre na *Psiquiatria forense*.

O País deve ao seu ensino e às suas campanhas em prol da irresponsabilidade dos alienados a promulgação da *lei de 3 de Abril de 1896*, segundo a qual a decisão da inimputabilidade dos doentes mentais passou a caber primacialmente aos peritos alienistas «a cujas conclusões afirmativas ou negativas de loucura, conferia valor de sentenças definitivas e inapeláveis (1).

Três volumes — *Os alienados nos Tribunais* (1902, 1903 e 1907) e o livro *A Loucura*, com duas edições portuguesas e uma tradução italiana, da pena de Lombroso, marcam a divulgação, no meio médico e jurídico, tanto da doutrina que professava quanto das observações clínicas, em que se fundamentava. Pois que — como escreveu — «na ciência positiva o primeiro e mais importante lugar é o dos *factos*» (2). A síntese brilhante e comedida — (sem a atitude polémica dos escritos em português, de combate com o meio!) de toda esta actividade médico-forense, foi feita por Júlio de Matos numa importante comunicação ao Congresso Internacional de Medicina, em 1903, com o título «L'Assistance des Aliénéés Criminels au point de vue législatif» (3).

Com o seu esforço, Júlio de Matos sitiou Portugal — neste particular — adiante de alguns países, nos quais os jûris ainda «procedem segundo as — emoções criadas pela oratória dos advogados» e não de acordo com os dictamens da ciência.

Juntamente com Basílio Freire (Estudos de antropologia patológica — *Os Criminosos*) a doutrinação de Júlio de Matos, favorável à criação de «uma magistratura especial, educada no estudo positivista e naturalista do criminoso (Garofolo, Ferri)», constituiu uma base para a aceitação, pela Faculdade de Direito de Coimbra, de uma nova

(1) *A Loucura*, 2.ª Edição, 1911, pág. 515.

(2) Prefácio de *A Loucura* loc. cit.

(3) Publicado em extenso em *A Loucura*.

fase «científica» do Direito penal, inspirada na «escola positiva». As obras de Henrique Silva, Dias da Silva e Caeiro da Mata — a que na época apenas Ferreira Deudado se opunha — são o produto dessa tendência. Contra o «livre arbítrio», defendiam o «determinismo dos criminosos» — o crime como «sintoma» das circunstâncias inadequadas da personalidade do delinquente. Dizia Júlio de Matos: «a escola positiva retomou, em bases inteiramente novas, o problema de reprimir e evitar o delito, procedendo para a sua solução de um modo semelhante àquele por que procede a Medicina, estudando os meios de prevenir e tratar as doenças».

Algo semelhante já escrevia em 1879 ⁽¹⁾ «...o crime tem a sua justificação como fenómeno natural num grupo de condições inerentes ao homem ou elles sejam o produto da hereditariedade ou o resultado da acção do meio, de tal sorte que a ideia de que a pena é simplesmente um agente destinado a prevenir a aparição dessas condições, quando virtuais, ou a combatê-las quando efectivas (higiene e terapêutica social) impor-se-á a todos os espíritos com a força irresistível d'uma verdade rigorosa»; «a pena concebida como um processo terapêutico, perderia completamente o carácter teológico-metafísico *de castigo* para colocar-se na ordem dos meios de que a sociedade dispõe para conter os seus membros nos limites de uma justa normalidade. O criminoso seria assim considerado, não como na fase teológica, um réprobo *que deve matar-se para enviar à punição do bom Deus*, ou, como na fase metafísica, um infame sobre o qual deve pesar o ódio de todos, mas como um doente, em que é necessário combater a crença mórbida, de que o acto a punir é apenas um facto sintomático». A solução estava na nova ciência «a Sociologia comtana» — pensada aliás à maneira «física» — e a que a moral devia subordinar-se, como a Higiene à Fisiologia».

— Tal o estilo de Júlio de Matos. Tal o seu modo de pensar na época mais acesa do entusiasmo juvenil pela filosofia. Neste ponto, nem a idade matizou a inconoclasia. Assim se manteve, inalterável, até às últimas décadas da vida (2.^a ed. de *A Loucura*, 1913).

Toda a argumentação aguda e contundente de Júlio de Matos se desenvolvia neste teor. É ainda digna de menção a sua luta pertinaz por uma «reforma completa do sistema das leis» penais, que substituísse o princípio único

(1) O Positivismo, Vol. 1.^o, pág. 37.

da responsabilidade moral» pelo «princípio objectivo da defesa social».

Podemos hoje ver que Júlio de Matos não se quedou, de uma forma estreita, no pensar naturalista, no seu campo das ciências naturais — a verificação do «ser» em face do «dever ser». Um outro princípio de ordem moral que buscava — na doutrina que professava — na ciência da nova sociologia. Na «filosofia dos valores» aplicada ao direito — dizem hoje os penalistas, levados já por outras orientações.

O que diria Júlio de Matos da moderna doutrina da «culpa na formação da personalidade» (1) que justifica certas «penas de segurança» pela má condução da vida do delinquente desde a sua infância?

Júlio de Matos repudiava o materialismo tanto quanto o idealismo e não deixava — neste particular — muito sensatamente, de reconhecer a «necessidade de considerar o aspecto jurídico do problema, subordinando a ele o aspecto médico» (2). Reconhecia também o significado moral da *Pessoa humana* «o indivíduo no grau mais elevado da consciência» (3).

A transmutação dos valores éticos, ulterior à época de Júlio de Matos — aliás em grave crise na actualidade — deslocou certamente a hierarquia de algumas normas fundamentais, mormente no Direito.

A consideração do Homem doente e anormal — da sua Pessoa — continuam, como ele defendia, a ser fundamento de toda a imputação legal e moral.

A consciência valorativa, cujo sentimento íntimo reside no «órgão moral», realiza-se nos valores objectivos do espírito.

O conhecimento real do Homem e do Mundo, tal o dá a ciência, oferece-nos, porém, uma mais sólida base para cristalizar os valores e normas que constituem a Cultura.



Um dos traços primaciais da personalidade de Júlio de Matos foi o da sua *vocação pedagógica*.

(1) Barahona Fernandes — Imputabilidade penal dos doentes e anormais mentais — Medicina Contemporânea, LXII, 1946.

(2) A Loucura, pág. 395 a 528.

(3) V. artigo «Moral positiva» — O Positivismo — 2.º Vol. 1880.

Não ensina um qualquer. Júlio de Matos possuía o saber que pela experiência, investigação própria e reflexão, se torna bem em sabedoria. Tinha um carácter vincado e gosto em exprimir-se, como soi, para aliciar as inteligências dos seus alunos.

Ficaram célebres as suas lições, de começo no Porto, e depois em Lisboa, como primeiro Professor que foi de Psiquiatria desta Faculdade.

Sabia apresentar os «casos clínicos», conversar com os doentes nas aulas, com grande perícia, clarificando a vida mental patológica, em conceitos de uma racionalidade bem latina.

Ao contrário de Bombarda e de Bettencourt Rodrigues, o seu «ensino» deixou «escola». Não só tinha aquele poder de «comunicação» ideativa e emocional, que desperta a «simpatia» e interesse dos alunos, como logrou criar condições de «grupo» — de «equipe» como hoje se diz — e deixar continuadores.

Lembremos, entre eles, Sobral Cid, psicopatologista requintado que nos transmitiu o gosto raro pelas subtilidades da mente normal e patológica.

Através da psicopatologia, ia, assim, desabrochando, na Medicina portuguesa, o cultivo da *Psicologia* que recentemente tomou uma tão alta importância na feição dita psicossomática e antropológica da patologia e da clínica e, desde a Reforma de 1955, faz parte obrigatória do Currilum Médico, com a Deontologia e a História da Medicina.

Além de um grande «alienista», Júlio de Matos foi também um assinalado «psicólogo» — espécie, aliás, muito rara entre os portugueses.

Vejam-se os seus estudos sobre o «determinismo em psicologia», «a filosofia positiva e os progressos da psicologia moderna», «estudos de psicologia mórbida», «a noção do objectivo», «estudos de psico-fisiologia» e críticas variadas em o Positivismo ⁽¹⁾ escritos na idade dos 22 aos 25, durante os últimos anos do Curso Médico.

Os trabalhos de Spencer, Delboeuf, Lotze, Bain e Fechner entusiasmaram o nosso jovem estudioso. Comparando-os com as «elaborações pouco remotas de Locke, Condillac, de Descartes, ou ainda, de Cousin, «pensa haver uma diferença radical, haver-se passado «duma apatia absoluta, para um movimento rápido» de progresso. O motivo

(1) O Positivismo — 1.º, 2.º e 3.º volumes — 1879-1881.

estava no «espírito positivo», a ciência experimental que iria permitir uma verdadeira «história natural do espírito».

Considerava como um «sintoma de indisciplina» a especulação racional da psicologia idealista — «é impossível sair-se um instante só do campo da mais estreita fenomenalidade». O contrário é «conquistar de salto um sistema filosófico» — «vício metafísico» este que em «linguagem médica» chamava depreciativamente, a «diátese do absoluto».

Não creiam que quem escrevia o seguinte pudesse ser materialista, à maneira de Feurbach, Buchner, ou Carl Vogt: «dizer, como Cabanis, que o pensamento é uma secreção do cérebro é desconhecer completamente o carácter especial dos actos mentais»; «dizer-se que... o pensamento é uma resultante dos actos físico-químicos é dar a um problema fisiológico uma solução mecânica que ele não comporta» (1).

Aflora aqui a ideia comteana da «complexidade progressiva» dos fenómenos que mais tarde se exprimiria, de uma forma muitíssimo mais rasgada e em fundamentos completamente diversos, na doutrina categorial de Nicolai Hartmann.

Júlio de Matos desdenhava mesmo do «materialismo de todos os tempos» como desacreditado «com a pretensão metafísica de *explicar* os fenómenos psíquicos...» dado «que a vida mental do homem depende não somente do seu cérebro, mas também da colectividade onde se desenvolve, como o prova a existência da linguagem, do direito, de altruísmo, impossíveis nos estados de isolamento». «Daqui se infere a complexidade superior dos factos psicológicos» (2).

Júlio de Matos encontrava-se, assim, suspenso — por um lado — da «sociologia», concebida por aquele que chamava o seu «imortal creador», Auguste Comte e — por outro lado — da «biologia que a sua formação médica lhe mostrava como cientificamente mais sólida e bem fundamentada. O que o levava a acrescentar: a ligação «social» da

(1) O Positivismo, 3.º Vol.

(2) Veja-se como a sua acertada crítica — nestes momentos de serena reflexão — o deixa ver claro — tanto o materialismo como o espiritualismo são «metafísicos». A crítica actual tem acentuado justamente o autêntico carácter «metafísico» do positivismo (também o neo-positivismo) que tanto se diz «anti-metafísico».

vida mental «não prova que (os factos psicológicos) deixem de ser uma função do cérebro! Mais ainda — insistia noutro passo — as forças naturais só «produzem» actos psíquicos «no cérebro» e não no músculo, tecido glandular, OSSOS...» (1).

É uma evidência singela, certamente. Júlio de Matos partia dela para escrever — ainda noutro lugar (2) — que o cérebro é um «aparelho de aperfeiçoamento sem o qual seriam incompreensíveis as noções da personalidade e da unidade psíquica».

Apesar de se mostrar amplamente compreensivo para a convergência do biológico e do sociológico, o jovem discípulo do positivismo não ousou, neste ponto, como fez em relação a outros, discordar de A. Comte e dar — como é devido — um lugar particular à *Psicologia* na classificação das ciências. Pensava que o seu estudo autónomo implicava a separação dos estudos cerebrais e mentais — «nada mais artificial... que a linha divisória entre os fenómenos orgânicos e fenómenos psíquicos». Sem chegar aos extremos de Bombarda, não reconhecia a consciência senão como uma diferença «inteiramente secundária» entre o facto cerebral e qualquer outro da economia. O poder-se estudar subjectivamente — seria apenas um sinal de maior complexidade — a expressão de uma «lei geral»: «quanto mais complexo é o facto, maior é o número de processos para o conhecer».

Apesar do seu senso crítico, Júlio de Matos não pode nesta matéria superar a «escola» doutrinária em que se formou — e como todo o positivismo — acabou por falhar na compreensão da teoria do conhecimento, na doutrinação dos valores e na própria categorização hierárquica do real, em que de certo modo tanto se empenhara.

O filósofo que se continha no nosso grande alienista valia sobretudo pelo *exemplo do método*. Reconheçamos, na verdade, que a mais sublime faceta de Júlio de Matos foi a sua *vocação didáctica*.

Do positivismo extraiu muito principalmente a «disciplina mental» que cria ter haurido de Teófilo Braga e na qual, seguramente, foi superior ao Mestre.

Para ele, a filosofia era *ciência*, só o método científico era válido. «Só se chega à filosofia pelas ciências — não só pela razão».

(1) O Positivismo, 3.º Vol.

(2) O Positivismo, 1.º Vol., pág. 26.

Não foi, porém, um experimentador, nem homem de laboratório. Apenas «clínico». O seu método era o de bem «observar» e bem «pensar». Gostava de se «dirigir aos espíritos na linguagem serena da ciência» (1), e comprazia-se em causticar repetidamente a «indisciplina metafísica» que situava «a imaginação no lugar de observação».

Creemos que foi esta a *grande lição propedêutica* de Júlio de Matos — a claridade e objectividade do pensar.

Lição tanto mais valiosa e fecunda, quanto na época — aparte os clarões, aliás não positivistas de Antero e Oliveira Martins — a atmosfera era essencialmente literária e indisciplinada.

Daí o grande prestígio de Júlio de Matos, mesmo entre os seus pares positivistas — alguns de grande renome — como Augusto Rocha e Bettencourt Raposo, também médicos e outros, como Conseglieri Pedroso, Adolfo Coelho, Vasconcelos Abreu e outros colaboradores da sua Revista.

Na verdade, mais do que pela doutrinação filosófica, Júlio de Matos marcou no meio português, pelo *cultivo exemplar e fecundo da sua ciência especial — a psiquiatria clínica e forense* — Ilustrando assim, pragmaticamente, a *vera positividade da sua faina intellectual*.



Senão temessemos abusar da vossa atenção e paciência, seria agora extremamente interessante discutir, nesta perspectiva, cada um dos escritos de Júlio de Matos, o significado das *hipóteses* levantadas, a forma como exercia tão rigorosamente a *indução* dos factos e a *dedução* das leis *naturais* — temas sobre que publicou um estudo ainda digno de ser lido (2). Insiste, mais uma vez, que não lhe basta a chamada «evidência» dos filósofos, muito menos a «premissa geral de Fichte» ou quaisquer entidades metafísicas. Recusa o «ecletismo», «manta de retalhos à Cousin» e inclina-se para a hipótese dita «relativista».

(1) O Positivismo — 2.º Vol.; Notas acerca do positivismo no Brasil.

(2) Método metafísico e positivismo — hipótese, introdução e dedução — O Positivismo — 1.º Vol., 1891.

— Nada é absoluto — como se disse mais tarde, tudo é «correlativo».

Para além do método e da crítica, não se deixou, porém, empolgar, como outros companheiros de luta, pela construção ideológica do positivismo. Cria contudo intimamente na *reforma da sociedade pela ciência* — nas suas possibilidades de previsão e aperfeiçoamento — na célebre fórmula — «savoir pour prévoir».

Contudo a sua prudência crítica moderou-lhe sempre toda a especulação nesse sentido e embora na psicologia desse o justo valor aos «afectos», não acompanhou a evolução posterior de A. Comte no sentido especulativo do culto do «grand être», nem na viragem do intelectualismo para a acentuação do «princípio afectivo» na regência da «humanidade» — «o amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim», e muito menos ainda — no culto do feminino, (Clotilde de Varex...) na base frenológica daquelas qualidades...

Júlio de Matos, como G. Goring, interessou-se sobretudo pelo problema da *causalidade*.

Insiste no determinismo, acentua subtilmente, por exemplo, a propósito de «transição insensível» entre «actos automáticos e actos voluntários» — todos os actos são «condicionados». Significava assim — já naquela época tão longe da actual e mais sólida fundamentação! — que os actos humanos se devem compreender como determinados pelo cérebro, pela hereditariedade, e condicionados pelo hábito, pela educação (1).

Não há aqui qualquer grosseiro materialismo, dando um carácter «fatal» à determinação dos actos. Para Júlio de Matos subsiste a ideia da responsabilidade pessoal «dado o poder que cada um tem de modificar a sua actividade». Não esquece também o *Eu* (2), a personalidade consciente, «posta em relevo com toda a sua importância, pela demonstração científica das relações que mantêm os órgãos da ideação com os órgãos da motricidade».

Antes de Claude Bernard havia-se dito que «a única lei dos factos orgânicos é não terem nenhuma». O «espiritualismo» receava ver uma perda da «dignidade» humana em todas as «leis da natureza». Referia-se mais

(1) «a vontade emerge do automatismo» diz a pág. 172 do 1.º Vol. da *História Natural*.

(2) O Determinismo em *Psicologia* — O Positivismo — 1.º Vol., pág. 32.

uma vez ao «livre arbítrio» que Júlio de Matos, como outros cientistas da época, apodava de «último reduto da ignorância». A investigação *positiva* das ciências naturais restabeleca, para o homem, o determinismo psicológico, que mais tarde Freud veio a alargar de forma tão extraordinária e imprevista.

Na verdade, Júlio de Matos nem sempre se mostrou preso à letra do positivismo. No seu «ensaio sobre a evolução em biologia» (1) afirma que não acha legítimo combater Darwin, como o fez A. Comte. Apoiando-se em Wallace, Haeckel, Lefèvre, Spencer, Littré e Quatrefages, expõe, com a sua habitual claridade e vigor, as investigações destes autores, aceitando a famosa luta pela existência e o princípio da selecção natural.

Se Comte, na época de Lamarck, antipatizara com o transformismo — explicava Júlio de Matos — é porque ainda não conhecia os factos posteriormente desbobertos. Assim é a ciência, só procede à *posteriori*. Embora alterasse a letra — quanto ao espírito, ficava pois fiel ao positivismo, acentuando repetidamente que a sua grande reforma fora a do «método»: reconhecer apenas o *demonstrado*, repudiar o *incognoscível*.

Na evolução ulterior do positivismo, como doutrinação filosófica, a seguir a A. Comte — P. Lafitte, Littré, Roberty, Taine, Renan, Weber, Harrison, Huxley, Lewes, Carus, Viró, Ferrari, — etc. — o nosso Júlio de Matos seguiu, na sua carreira científica, além de Stuart Mill, especialmente Spencer, de quem traduziu e prefaciou duas obras — «A superstição socialista» e «Da Liberdade à Escravidão».

Os seus próprios escritos versaram, porém, além da Psiquiatria e da Psicologia, exclusivamente a parte aplicada à ciência, em especial à doutrina do *evolucionismo*. Da sua *obra clínica*, sabemos que Júlio de Matos elaborou, com ideias próprias, a teoria da «degenerescência» de Magnan e considerou como primacial o princípio da evolução. Usava, a propósito — sem sentido depreciativo, mas sem a complacência compreensiva actual — a designação de «degenerados» que hoje reputamos desagradável e inaceitável.

Antes de Spencer, e logo na fase inicial do seu entu-

(1) O Positivismo — 1.º Vol., pág. 479.

siasmo filosófico, verteu a sua atenção mais particularmente para Littré, em cuja homenagem pelo 78.º aniversário (— «a virtude, ciência e trabalho» —) participou com Gonçalves Viana, Basílio Teles, Adolfo Coelho, Vasconcelos Abreu, Pinto Gomes, Van de Lean, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga e Consieglieri Pedroso (1).

Em Littré apreciava acima de tudo a crítica severa da própria obra, «prova eloquente da mais alta moralidade científica». Desagradava-lhe a tendência dos positivistas ortodoxos — à maneira de Laffite e Lagarrigue (com quem discutiu o assunto) (2) para copiar paradoxalmente certas «formas teológicas» no seu «ritual do culto externo» da humanidade.

Não encontramos em Júlio de Matos a menor citação de G. Audiffrent, autor de um grosso volume sobre as «doenças do cérebro e da inervação» (3) segundo o ensinamento de A. Comte.

Se o nosso alienista o conheceu, não lhe deve ter agradado, pelo seu carácter dogmático de «tentar reduzir todas as doenças a uma unidade».

Júlio de Matos foi, como vimos, na filosofia — um autêntico *sistemático do método*, mais do que da doutrina positivista.



Na vida social e política não poude, porém, Júlio de Matos furtar-se tão criticamente ao império do credo — quase revolucionário — que, logo na juventude, tanto o entusiasmara.

Pertenceu, com convicção, ao grupo dos positivistas, que a seguir à publicação dos «Traços da Filosofia Positiva» de Teófilo Braga, tão fundamente influíram na cultura e na vida portuguesa.

Não é agora ocasião de fazer a sua valoração —

(1) O Positivismo, 1.º Vol., pág. 293.

(2) O Positivismo, 1.º Vol., pág. 94, 208 e 291.

(3) Des Maladies du Cerveau et de l'a inervation d'après Auguste Comte — par le Docteur G. Audiffrent — d'un de ses exécuteurs testamentaires — Paris — Ernest Leroux Editeur — 1875 — (esta obra foi-nos oferecida em 1952, no Rio de Janeiro, em nome do *Clube Positivista*, pelo Dr. Noémio Weninger, actual estagiário no Hospital Júlio de Matos.

tão injustamente depreciada, de há anos a esta parte, pelo movimento filosófico e cultural antitético — mormente pelas correntes aristotélico-neotomistas que se arrogam o timbre de únicas intérpretes do pensar filológico português (Álvaro Ribeiro e outros).

Em 1952 por ocasião do Centenário de Miguel Bombarda, nesta Faculdade e na Academia das Ciências, esboçámos o panorama desta evolução, no respeitante à Medicina (1).

Em relação a Júlio de Matos, Mendes Correia pintou-nos a sua vida e obra, Luís de Pina deu-nos já o seu contexto histórico Seabra Diniz a sua interpretação sociológica e Navarro Soeiro a pintura do Homem.

— Esboçemos, apenas, para terminar, a situação do nosso *alienista-filósofo* em relação ao movimento cultural e ao progresso da Medicina nacional.

Júlio de Matos foi um expressivo representante da época de transição do romantismo para o *realismo* e o *naturalismo*. Na arte, nas letras e no campo do pensamento culto.

Certa semelhança física com Eça de Queirós (2) reforça-nos o similé, a que não nos podemos furtar: — irónico na crítica, cristalino no dizer, realista no estilo de vida.

Bem sabemos que ao Artista — Homem estético — se opunha o *Homem teórico* — no sentido de Spranger — que foi Júlio de Matos. O eco do figurino francês da época foi contudo análogo — a mesma independência de espírito, a mesma «serena impersonalidade crítica» que o nosso cientista se arrogava na juventude.

O grande Ricardo Jorge, seu contemporâneo no Porto, e que também começou por se interessar pelo estudo do sistema nervoso — alinha, pelo contrário — também pelo estilo — com Camilo. Adverso a A. Comte, desabrochou em múltimoda e fecunda criação humanista. Além da sua extraordinária acção cultural, não deixou, porém, propriamente «escola» no campo da Medicina.

A linhagem espiritual de Júlio de Matos — pelo cultivo da Psiquiatria, e, através dela, da *Psicologia* — con-

(1) Medicina Contemporânea — LXX, n.º 3 — 1952.

(2) Acentuada num quadro de Maria Adelaide de Lima Cruz, existente no gabinete da Direcção do Hospital de Júlio de Matos.

tinua-se nos nossos dias, já liberta do positivismo como sistema, nas actuais correntes da patologia e da clínica de vária inspiração psicológica.

É sabido, por outro lado, como o positivismo influiu no pensamento e na cultura nacional — mcrmente na Universidade — no Curso Superior de Letras, no Direito, como vimos, e no conjunto da *corrente cientista*, em particular na Medicina, até aos nossos dias, em todas as suas actividades técnicas e de investigação.

Mostramos já noutra ocasião, como Bombarda se insere neste movimento e, pelo seu estímulo, facultou a acção de homens, como Atias, Celestino da Costa e tantos outros que, aliados à estirpe de Câmara Pestana através dos Bettencourts, deram lugar à sólida geração de Medicina lisboeta na segunda década deste século.

Foi o período do predomínio das ciências morfológicas e da fisiologia experimental, apoiadas no *Laboratório*, e do relevo dado às *Ciências naturais*, como base da Medicina — em complemento do bom senso humano dos grandes clínicos do século XIX, do tronco de Alvarenga, Bento de Sousa e Sousa Martins.

A linha de investigação e de pensamento de Bombarda continua-se mais nos neurologistas, e vem culminar em Egas Moniz — ambos de «espírito positivo», mas não propriamente positivistas. Fora da especulação e da doutrina, com os médicos Augusto Roeda e Bettencourt Raposo — o comtismo acabou por se esbater no progresso real das ciências.

O que ficou nos espíritos, depois da doutrinação de Teófilo, Manuel Emídio Garcia, Teixeira Bastos, Silva Cordeiro, António Cândido, Ramalho Ortigão, etc. teve, porém, um papel relevante na história da cultura e da política portuguesa da época.

Está em pleno fervor o movimento de antítese ao positivismo, iniciado, entre nós, por Sampaio Bruno e, continuado pelo bergsonismo, pelo criacionismo de Leonardo Coimbra e pela especulação dos seus discípulos, assim como pelo florescimento actual do neotomismo e também, noutra campo — da antropologia existencial.

Por mais que se apregoe a sua «falência», a *Ciência* continua a influir-nos cada vez mais. O método das ciências da natureza continua válido. A investigação cada dia nos deslumbra com progressos mais perturbadores. Ignorá-los é morrer. A era atómica segue-se já a era interplanetária...

Estabelece-se, assim, uma grande perturbação nas consciências. Não se sabe como harmonizar os valores eternos do Humano com as novas perspectivas da Vida e do Cosmos.

Em relação à Medicina, e à ideia que ela faz do Homem, cremos que há que integrar as conquistas positivas da Ciência do Espírito e da Natureza nas diversas categorias do real. As lutas estereis entre o materialismo e o espiritualismo estão ultrapassadas.

A posição ontológica fundamental vai além do realismo e do idealismo — o sujeito, a coisa e o transcendido.

De forma alguma, o ponto de vista defendido por Júlio de Matos se pode considerar pois totalmente superado. *A linha cientista e a defesa do método objectivo* — na investigação e no pensar — integram-se hoje no âmbito de outras correntes da cultura, em perspectivas mais latas. Mantém, porém, todo o seu significado para a investigação analítica e para a vida prática, tão influenciada pela ciência.

A atitude fundamental de *positividade* ⁽¹⁾ que foi o lema do nosso alienista-filósofo, persiste no empirismo, no neo-positivismo (entre nós, Abel Salazar e E. Curvelo)

(1) V. o n.º 20 da Revista Filosófica (Ano 7.º) dedicado ao centenário de A. Comte, recebido já depois de dito o nosso trabalho, com colaboração de Joaquim Carvalho, Cruz Costa, J. Seabra Diniz, Vieira de Almeida, Ivan Lins, Joel Serrão e Sylvio Lima.

A interpretação que demos da posição doutrinal de Júlio de Matos quadra bem com o que diz o Prof. Joaquim Carvalho acerca do «Positivismo», entendido como Filosofia nos limites da Ciência», essencialmente «temática, metodológica e crítica». «Nas raízes do pensamento português moderno» teve influência decisiva a filosofia positiva de Comte, à qual vieram somar-se o transformismo darwinista e evolucionismo spenciariano». Se o positivismo conteano é uma «filosofia do passado», diz o mesmo penetrante Mestre de Coimbra, «nem por isso está morto o espírito que o alentou».

Júlio de Matos representa bem «o ideal da teorização nos limites da Ciência e o estímulo da reflexão de Comte... naquilo do que nela permanece vivo e fecundo».

Aos médicos psiquiatras e psicólogos resta-nos efectivamente na obra de Júlio de Matos, algo do que o Prof. Vieira de Almeida diz de Comte, «ficou e subsiste a positividade, que sem limites sistemáticos, se desenvolve e amplia em âmbito e com êxito cada vez maiores».



e em certas correntes dialécticas actuais, com grande repercussão social.

A *tendência objectivante*, por que tanto se bateu, ganha também novos alentos — e de forma inesperada para os naturalistas — no âmbito das ciências do espirito! as reacções da mente humana, *objectivadas* em obras de sentido espiritual. E mais ainda — em face do subjectivismo existencialista — a maior relevância da objectividade dos valores do Espírito.

Tomado o humanismo no seu sentido epistemológico, como busca da verdade e da realidade em devir, e no sentido da formação humana da cultura — tal a Renascença no-lo negou — podemos concluir que Júlio de Matos foi — à sua maneira — um humanista que não via no Homem, estudado pelas ciências — nem o «senhor» nem o «escravo» da terra, mas o de «um produto dela mais do que nenhum outro perfeito».

A despeito da diferença das épocas, saibamos honrar em Júlio de Matos — como ele dizia de outrem — «o homem justo, o homem inflexível- que tanto combateu a «tradição e a inércia das inteligências» em prol da «*renovação mental do seu País*»

1958

TIP. SEQUEIRA, L.DA

PORTO

SEP. 735



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329688077

